

ANTÓNIO CANDIDO FERREIRA

C R A V O S
D E
S . J O Ã O

QUADRAS SOLTAS



LISBOA



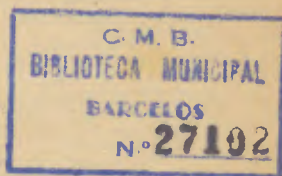


Assem
Presidência Juiz
Dr. Guilherme Pereira
da Rosa, muito humilde
Diretor Adjunto do Século
e aprego, o autor
Antonio Augusto Peres
Lisboa
25-5-96

CRAVOS DE S. JOÃO

ANTÓNIO CANDIDO FERREIRA

C R A V O S
D E
S. J O Ã O



DEPOSITÁRIO:

Agência Portuguesa de Revistas
Rua Saraiva de Carvalho, 207

LISBOA

Obras do Autor:

Versos e Música

Vinte e duas músicas para piano e canto, entre as quais:

Género de dança:

Apeixonada! — Tango-canção — 6.^a edição.
Namorados — Canção-marcha — 3.^a edição.
Amor do coração! — Tango-canção — 2.^a edição.
Gosto de ti! — Fox-trot-canção — 2.^a edição.
Louca de amor! — Tango-canção — 2.^a edição.
Declaração de amor — Canção-valsa — 2.^a edição.
Amor a quanto obrigas!... — Tango-canção.
Canção do soldado — Canção-marcha.

Género "Lied"

Dize que sim. — Canção portuguesa (para piano e canto).

Género litúrgico

Avé Maria. — Aprovada pelo Patriarcado de Lisboa —
—(para piano e canto).

Poesia

Água do Rocha. — Sonetos, quadras e poesias de vários metros.
Cânticos do Estio. — Sonetos, quadras e poesias de vários
metros. — 2.^a edição.
Cravos de S. João. — Quadras soltas.

Prosa

Coreções em braso. — Romance — 2.^a edição.
A Psicologia da mulher e da vida (a publicar).

QUADRAS SOLTAS

Maria é nome tão doce,
Tem tanto amor, tanta luz,
Que Deus escolheu Maria
Para ser Mãe de Jesus.

Portugal tem três cabeças
Que sobressaiem de tantas:
Oliveira Salazar,
Cerejeira e Júlio Dantas.

Ó rio Cávado, amigo,
De águas claras e serenas!
Em moço, eu ria contigo,
Vendo-te, hoje, tenho penas...

Quem me dera ter, um dia,
Quem me quizesse tão bem,
Como eu quero a luz do dia,
Como eu quero à minha mãe.

Pedi noivo a St° António
Que a S. João me endossou.
E, de santo para santo,
Ainda solteira estou!

Maria ; O que mais estimo
É tua felicidade.
Eu cada vez mais te quero.
Adeus. Infinda saudade.

Meu coração por ti chama,
Nesta ausência que o consome:
Cada sua pulsação
Uma letra do teu nome.

Se Deus me desse a escolher
Uma graça de três graças,
Eu preferia esse jeito
Que tens, amor, quando passas...

O lume aquece o meu corpo,
À lareira, no serão.
Mas só teu amor é fogo
Que me aquece o coração.

Eu hei-de, quando for ver-te,
Estreitar bem nossos laços,
Levando-te a lua cheia
Da saudade nos meus braços...

Quem primeira vez chamou
Pelo nome de Maria,
Com certeza que chorou,
Doido de amor e alegria.

Deus fez o Sol, o Luar,
Céu e Terra e o mar profundo.
Mas, ao pé do teu olhar,
Viú que nada fez no Mundo.

Chamaste-me interesseiro
Por eu ter certos desejos:
Sei que há beijos sem amor,
Mas não amor sem ter beijos.

Que me passas a esquecer,
Tua boca, em vão, o diz;
Bem sabes que o amor é f'rida,
Deixa, sempre, cicatriz.

O beijo que me pediste
Não posso dá-lo. Bem vês :
Beijos são como cerejas
Tira-se uma e saiem três...

Tenho, no meu peito, um sino,
Mas não é de toda a gente :
Este, apenas, por ti chama,
E bate por ti, sómente.

Nos beijos que tu me deste,
Eu sei, calculo, adivinho,
Pouco amor tu lhe puzeste:
Foi água com pouco vinho.

Não quero o ódio que fere,
Nem o amor que abrasa o peito.
Quero a amizade sincera,
Por conta, medida e geito.

Amor é pura invenção,
Um pretexto para beijos;
Mentira do coração
Para matar os desejos . . .

Para esquecer-te, meu bem,
Tirei teu nome do peito.
Mas de tanto o ter gravado,
Lá ficou a marca e o geito.

Ó Mestres da Medicina,
Olhai que os males do peito
Vêm de uma ilusão perdida,
De um lindo sonho desfeito.

"Quem canta seu mal espanta,"
Mentira, deixem dizer:
Puz-me a cantar e às penas
Mais penas vieram ter.

O dinheiro é como a água
Ou como a pedrada solta:
Se se desprende da mão,
Corre, corre e não mais volta.

Diz o rifão popular:
"Quem espera sempre alcança".
Porém, eu nunca alcancei
Mais do que fé e esperança.

ANTÓNIO CANDIDO FERREIRA

Dizes que andas a rezar,
Sempre, pelo nosso amor.
Não acredito. Tu mentes,
Ou a mim ou ao Senhor.

Quando te vejo, em redor
De mim, a acariciar,
Ou já ma «pregaste», amor,
Ou estás para a «pregar»...

Para mim, não levantaste,
Nem uma pontinha a saia.
E, para todos, andaste
Sem ela, ontem, na praia!...

Quero atender aos teus rogos
Mas não sei como fazer;
Não está na minha mão
O deixar de te querer.

Sempre, o amor existiu,
Pois nossa alma entontece.
É coisa que ninguém viu,
Mas toda a gente a conhece,

Quando passas, tu assumes
Tal imponência, tal geito,
Que parece que resumes
O Mundo todo no peito!

Buscando, em vão, a ventura,
Longos caminhos corri.
E, alinal, ao regressar,
Reparei que a tinha em ti!

Saltando a fogueira a esmo,
Andamos uma noitada.
Tu, amor, estas o mesmo.
Eu é que fiquei queimada...

Amor, - cantiga pegada,
Que nos encanta e faz bem.
Mas que, quanto mais cantada,
Menos encanto ela tem...

É um contraste perfeito
Esse teu rosto, Maria:
Nos olhos tens, sempre, a noite,
E, na boca, sempre, o dia.

Ter nascido em lar modesto,
Que importa para o destino?
Há quem nasça em berço de ouro
E tenha um fim pequenino . .

Saudade, - mal que perdura
No que parte e no que fica.
Doença que não se cura
Com remédios da botica.

A existência é grande teia,
Em que as linhas são os anos:
Tece a mocidade sonhos
E a velhice desenganos...

Que linda renda, tão fina,
Tem a praia em sua tenda!
O mar é quem doba a linha,
A areia é quem faz a renda...

É teu desdem uma sombra
Que encobre a minha alegria,
Como a nuvem' sôbre o sol,
Amortece a luz do dia.

Deixa lá passar o doido
Que a mim não me dá cuidado.
Só tenho medo daquele
Que se julga ajuizado...

As janelas dos teus olhos
São de uma beleza rara.
Antes, porém, fossem feias,
Porque mas fechas na cara...

Aquela azenha velhinha
Que pena faz a gemer!
Virtude é como a farinha
Só se consegue a sofrer...

Rezavas na igreja e tinhas
Tanta fé nos olhos teus,
Que fiz um grande pecado :
Tive ciumes de Deus!

Ai de quem se precipita
No abismo da desgraça,
Em vão se lamenta e grita,
Bem se importa quem lá passa...

Dizes que eu não sou o mesmo,
Agora, mudei de ideia.
Bem sabes que o amor da praia
Fica enterrado na areia.

Quando te quiz, não quizeste,
Olhavas assim, assim...
Agora que eu te desprezo,
Andas a morrer por mim...

Cantigas leva-as o vento,
Disseste. Mas a cantiga,
Que eu te cantei, teve acento
No teu peito, rapariga!...

Tem cuidado, meu amor,
Olha com mais devoção:
Os teus olhos têm agulhas
Que picam meu coração.

Saudade -bem que se perde,
Penas da ausência que dura.
Mas. se não fosse a saudade,
Ai do prazer, da ventura!...

Da luz do teu dõce olhar,
Quanto affecto se derrama!
E há tanto tempo eu morrendo
Por um pouco dessa chama!

Para falar-te, mulher,
Longos caminhos corri.
E, vê, como eu emudeço,
Agora, junto de ti!

Não. Não dou. O teu desejo,
Meu amor, não satisfaço.
Porque, se te dou um beijo,
Queres, depois, um abraço...

Dizem que vive na dôr
Quem o amor lhe não assiste.
Mas eu tenho o teu amor
E, todavia, ando triste.

Amor, sê suave. Bem sabes
Que meu coração é duro;
Não ligando à pedra o barro,
Nunca fica forte o muro.

Não faças as tuas queixas
De uma forma desenvolta...
Olha que em mim colhe mais
O lamento que a revolta.

Dizes que eu ralho contigo.
Assim tem que ser, amor :
A mãe castiga o seu filho
Sabe Deus com quanta dôr.

Tenho no peito um espinho
Que me incomoda e faz dôr.
Apanhei-o no caminho
Agreste do teu amor.

Não digas que me não amas,
Pois tens a voz a tremer...
Quando tu um não proclamas,
Um sim pretendes dizer.

Em vão maldizes, meu bem,
Pois não me fazes ralar :
É costume nas mulheres,
Quando gostam, desdenhar...

Saudade é a alma a chorar
A ausência ou perda de um bem.
Só não sentirá saudade
Quem jamais amou alguém.

Na noite do teu olhar,
Esses lábios de coral
Andam-me sempre a lembrar
Uma aurora boreal...

Meu coração é velhinho,
Mas sempre te vai querendo:
Também é velho o moinho
E, contudo, anda moendo.

Sempre a minha alma reza
No rosário da esperança.
Mas, quanto mais contas passa,
Menos ventura ela alcança.

O sofrer que tu me dás
E me obriga a andar esmo
É tão grande que me faz
Eu ter pena de mim mesmol

Que importa que a bôca minta,
Esconda tua vontade,
Se em teus olhos, bem distinta,
Eu vejo toda a verdade?...

Amor é rôlo de fumo,
Que se dissipa no ar,
De um brazeiro de desejos
Todo rubro a crepitar...

Eu semeiei um olhar
E um sorriso me nasceu.
Que hei-de agora semear
Para ter um beijo teu ?

Traz-me em labareda o peito,
O lume do teu olhar ;
Mas arde com tanto geito
Que eu gosto de me queimar...

Quando não te olho, tu me olhas,
Se te olho, não 'stás a olhar.
Qual será que mais desdenha?
Qual de nós mais quer «comprar»?...

Tem cautela, o amor, beijado
Antes do tempo, fenece:
O fruto colhido verde
Murcha e não amadurece.

Não julgues, porque te quero,
Que não mais te deixarei:
Meu coração está preso,
Mas até quando, não sei...

Se queres meu coração,
Hás-de ter muita canseira;
A farinha, p'ra ser pão,
Dá mil voltas na masseira.

Que só no Céu há estrelas,
As companheiras da Lua.
Mas mais brilhantes do que elas
Andas tu aqui na rua.

Não me iludas, se me queres,
Mas, se não queres, ilude;
Que a mentira, muitas vezes,
É, também, uma virtude.

Eu sei de quatro meninas
Que se ligam muito bem.
Duas são as dos teus olhos,
As outras já sabes quem...

Quando te fores deitar,
Reza por mim, meu amor:
Só tuas preces vão dar
Aos ouvidos do Senhor.

Contigo é tudo alegria,
Sem ti é tudo amargura.
Contigo é ter, sempre, o dia,
Mesmo sendo noite escura.

Um frémito em mim perpassa,
Ao pegar na tua mão:
Parece, amor, que se abraça,
No meu, o teu coração.

Pedi-te um beijo. Disseste
Que nem metade sequer, ...
Pedi-te um quarto e tu deste
Um beijo inteiro, mulher!

Que em mim tu não acreditas,
Porque o que disse é incrível.
Mas eu sempre ouvi dizer
Que em amor tudo é possível...

Hà muito espinho no Mundo
Que nossa alma punge e invade,
Mas nenhum é tão profundo
Como o espinho da saudade.

Que ando sempre a dar-te penas
E não pode ser assim.
Mas quanto mais mal te faço,
Mais tu me queres a mim...

ANTÓNIO CANDIDO FERREIRA

Esse beijo, que me deste,
Vi que era puro e perfeito,
Pois, nem sequer lhe soubeste
Dar a forma, nem o geito...

Amor é uma palavra
Com quatro letras apenas,
Mas que constitue um filme
Que tem milhares de cenas...

Se eu digo sim, dizes sim.
Se eu digo não, dizes não.
Amor, nós somos dois corpos
Unidos num coração.

Que o adeus é p'ra quem morre,
Tu respondes sempre assim;
Mas eu se te digo adeus
É porque morres por mim...

Meu coração por ti chama,
Muito embora o não confesse:
É, sempre, quem menos ama
Que mais galanteios tece...

Dizem que o amor é uma chama
Que incendeia o coração.
Se assim for, aquele que ama
Traz o peito num vulcão.

Somos dif'rentes. Em mim,
Humildade e singeleza.
E tu alimentas, sempre,
As pretensões de princeza...

Amor, dá-me suavidade,
Palavras meigas, carinhos.
Não tenhas a veleidade
De me atrair com espinhos...

Dizem que os beijos de amor
Sabem melhor, se são dados:
Não há beijos como os teus,
E não mos dás são roubados...

Já sinto tantas saudades
E do pé de ti eu venho.
Quanto mais saudades mato,
Mais, amor, saudades tenho.

Quando tua alma se vai,
A minha fica a rezar-te.
Fica, mas sinto que sai
E contigo também parte.

Na partida é que se sabe
Quem mais gosta, quem mais quer :
Ao despedir-me, não tinhas
Uma lágrima, sequer!

Meu amor diz que não chora,
Que a vida leva a folgar :
Há muita gente que ri,
Mesmo, quando está a chorar.

Não há nada mais fingido
Do que a mulher despeitada :
Por fora, mostra que ri,
Mas por dentro está magoada.

Não te quero com astúcia,
Nem caprichos de menina.
Quero que sejas mulher,
Mas não sejas «feminina »

Por mais que peça, não deixas
Eu dar-te um beijo na face.
Mas hei-de dar-to e não peço,
Que ele não se pede,-dá-se. . .

Que sou apressado. É cedo
l'ra fazeres a vontade.
Mas, amor. já tenho sede
Da nossa felicidade.

Uma capa de estudante
Ou uma espada de alferes
Ou uma boca que cante
São a atracção das mulheres.

Nesta questão de amizade,
A ausência esta troca implica:
Quem fica para alguém parte,
Quem parte para alguém fica.

Há muita gente que morre
Sem o seu sonho encontrar:
Também a água lá corre
E nem toda chega ao mar.

Eu julguei que tu me tinhas
Amor puro, verdadeiro.
Mas enganei-me, só vinhas
Por causa do meu dinheiro.

O fado é feito do pranto
Que n'alma latente mora.
É leito de choro e é canto,
É canto e não canta, chora.

Não bastam as frases belas
Para que noss'alma tentem:
Muitas palavras se dizem,
Poucas palavras se sentem.

Adeus, linda juventude,
Adeus, bela mocidade,
Trago a saudade nos olhos,
E os meus olhos na saudade.

Gosto tanto da tristeza,
Gompanheira, dia a dia,
Que até já me causam pênna
Os que sentem alegria.

Quem me dera o teu destino,
O Primavera ditosa:
Dás a tudo mocidade
E ficas sempre formosa!

Dizem que o Mar é tão grande.
Engano. É bem pequenino:
Comparado com minh'alma,
Não é mais do que um menino.

Tenho pênna, muita pênna,
Podem crer, porque eu não minto,
De não poder, com a pena,
Dizer aquilo que sinto.

Tristezas não pagam dívidas,
Diz a gente, a cada passo.
Mas eu, quanto mais me alegro,
Tanto mais dívidas faço...

Amor é louco prazer
Que nunca pode durar;
O beijo que o faz nascer,
Depois o há-de matar.

Sinto a saudade constante
No meu coração magoado.
Ó Primavera distante,
O Outono tão chegado!

Ninguém diga que é alegria
Este canto sem parar;
Como chorar não consiga,
Eu desabafo a cantar.

Meu desgosto é tão profundo
Que até minh'alma falece:
Conheço e é tão grande o Mundo,
Mas ele não me conhece...

Ó fonte triste, cantante,
Também tenho o teu penar:
Tu cantas, mesmo chorando,
E eu choro, mesmo a cantar.

Estas meninas de agora,
Coitadas, não valem nada.
São, desde os pés à cabeça,
Como fios de meada...

Tu és uma criminosa...
Para este grande penar,
Tens o remédio na mão,
E nunca mo queres dar!

Vem, amor, viver a vida,
Deixa lá essa quimera...
Olha que a hora perdida,
Nunca mais se recupera.

Eis a palavra de amor
Que enfim, hoje, te vou dar.
Tinha-a, há muito, engatilhada,
Mas sem poder disparar...

Dizes que és caritativa,
Mas afinal nada vejo:
Há quanto tempo, meu bem,
Te peço a esmola de um beijo?!

Nas minhas falas contigo,
Podes crer, porque eu não minto:
Nem tudo o que sinto digo,
Mas tudo o que digo sinto.

Amor - suprema beleza
Com este grande senão:
Todos o trazem nos lábios,
Mas poucos no coração.

Como eu sei estes mistérios
Que escutas dos lábios meus?
E bem simples: os poetas
Andam mais perto de Deus.

Que andamos, sempre, zangados
E que tal te causa dor.
Bem vês que, entre namorados,
Zanga quer dizer amor.

Dizes que um beijo não queres,
Num não estranho, esquisito.
Ês como as outras mulheres...
Eu finjo que te acredito.

Não tenhas pêne que o belo
Sem o feio não é nada:
Se não fosse a noite escura,
Não rompia a madrugada.

Quem ama a cada momento,
Amor sincero não tem:
Pode amar-se muitas vezes,
Mas só de uma se ama bem.

Olhares são falas de alma,
Dizem, sempre, o que ela sente;
Os olhos falam verdade,
A boca, essa é que mente.

Quem quizer beijos de amor,
É dá-los, sem mais questão.
Não os peça, que a mulher
Deseja-os, mas diz que não.

Amor é forte ambição
De fruir um certo bem;
Constante proibição
De ter o que se não tem.

Nem só quem rouba dinheiro
Se deve chamar ladrão:
Ainda é mais criminoso
O que rouba um coração...

A tua boca formosa
E carminada, a sorrir,
Parece um botão de rosa
Que principia a florir.

Tu és a rosa mais bela
Do jardim do meu querer.
És a rutilante estrela,
Onde gravita o meu ser.

Dizes que de mim não gostas...
Antes não mo declarasses.
Se assim mesmo me rodeias,
Que seria se gostasses?!

Eu sou cravo, tu és rosa,
Qual de nós é mais leal?
Eu só de ti digo bem,
Tu só de mim dizes mal.

Quanto mais fito os teus olhos,
Mais minh' alma é enleada,
Pois tens neles a magia
De uma noite enluarada...

A tua boca vermelha
E os teus olhos verdes são
Como um cravo em mangericos
Na noite de S. João.

Dizes que meu peito é rude,
Por isso, não me namoras:
Tambem o silvado é agreste
E dá-nos dõces amoras.

Não receies que a distância
Dilua a minha afeição:
Quanto mais longe da vista,
Mais perto do coração.

Vê como terei saudades,
Quando de ti longe andar:
Não parti ainda e sinto
Já desejos de voltar...

Lá porque mostrei desejos,
Julgas que me tens na mão;
Nem sempre o caudal dos beijos
Passa pelo coração...

A alcachofra que eu queimei
Por ti, amor, não floriu :
Ou me enganou a alcachofra,
Ou teu coração mentiu.

Pedi-te um beijo. Negaste.
Insisti, mas não mo deste.
E, quando ia a desistir,
Foste tu, vê, que o quizeste ! ..

P'ra matar bem as saudades,
Pedes uma carta extensa.
Puro engano. Elas só morrem
Com a carta da presença...

Sem penas não se namora,
«Não há belo sem senão»:
Quem quizer colher a amora
Tem de picar-se na mão,

Não me prendas o vestido,
Ó silva do meu silvado.
Deixa-me, que eu tenho pressa
De ir ter com meu namorado.

Quem fala em matar saudades
Não sabe o que está a dizer.
Ficam dormentes, não morrem,
Pois que voltam a crescer...

Em me deixando, julgavas
Que eu ficava em desvario:
No barco há duas amarras,
Perdeste o tempo e o feitio...

Há tantos beijos perdidos,
Nessas bocas saciadas...
E tantos beijos pedidos
Por bôcas esfomeadas!

Não só, no viver presente,
Há vida em felicidade :
Também a esperança é vida,
Também é vida a saúde.

Não invejo, ó mar, teu ceptro,
Nem a tua imensidão,
Mas sim, no banho, os abraços
Que as raparigas te dão.

O amor, que é amor, nunca fala,
Tem expressão, mas é mudo.
Em amor, cala-se a bôca,
Só os olhos dizem tudo...

Tudo nesta vida cansa,
Desde a pompa à singeleza,
Mesmo a amizade e a alegria,
E até a própria beleza.

Se a saudade é o que se diz,
O que tanto se apregoa,
Não sei como ainda existe,
No Mundo, tanta pessoa...

Nunca mostra a sua mágua,
Quem o fado não cantou,
Pois até a própria água
Canta o fado que chorou...

Rezei a Nossa Senhora
Por ti, com tanta fé, tanta,
Que a Virgem me respondeu:
Reza por ti que ela é santa.

Passei metade da vida
A pensar em ter-te, a ti.
Passo agora outra metade
A pensar que te perdi.

Pouco a pouco, a mocidade
Lá se foi no seu caixão...
Chora alma de saudade,
Vestie luto, coração!

Triste de quem tem tristezas
E não as pode chorar.
É tal qual as águas presas
Que não podem murmurar.

Descendo o monte da vida,
Eu já vou a meia encosta.
Sinto-o bem, mas não mo digam
Que de descer ninguém gosta.

Tenho pena de não ter
Aquilo que nunca tive,
Pois se o que tenho perder,
A saudade ainda o vive.

Mulher-brinquedo de luxo
Que se anseia. Coisa bela.
Todos os homens a querem,
E todos dizem mal dela...

Amei a vida. Era bela
E me trazia encantado.
Hoje o meu viver é o jeito,
Apenas, de a ter amado.

Das penas que sinto, uma há
Maior que as outras, sem fim:
Essa pena de ter pena
De quem tem pena de mim.

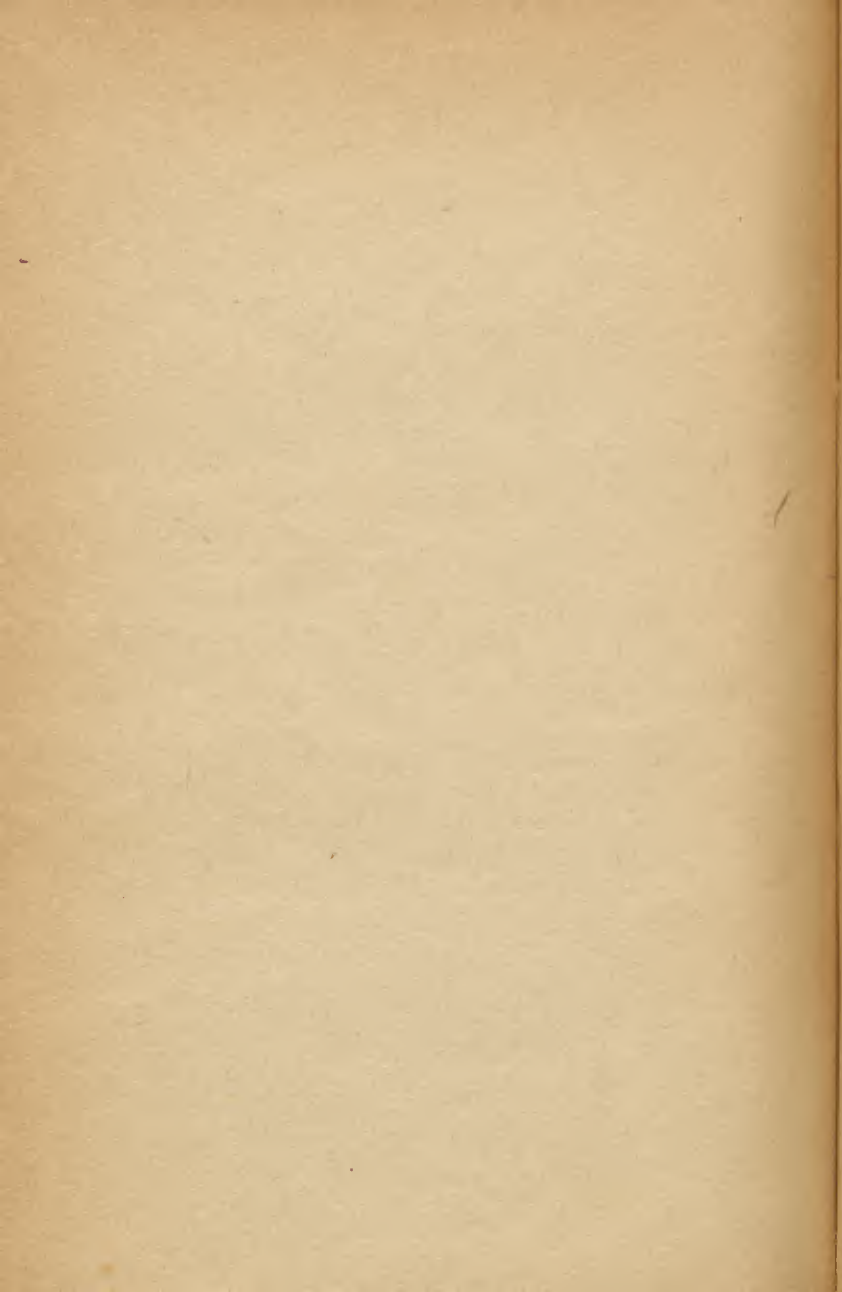
Mulher -um ser caprichoso
Que o não compreende ninguém:
Só 'stá bem onde não 'stá,
E só quer o que não tem...

Tem a vida três idades:
Na juventude, há ilusão,
Na adolescência, esperança,
Na velhice, decepção!

Que o amor é belo, sublime...
Sim, tudo isso e mais que fosse.
Porém, não passa de um crime,
Porque o assassinam na posse...

A mulher leva, em astúcia
E ardil, a palma à raposa.
Que digam que assim não é
Aqueles que têm esposa...

A vida é sonho, ambição,
Em cada dia mais forte;
Esp'rança que é decepção,
Decepção que já é morte...



Como foi recebido, pela crítica, o romance "Corações em Brasa", do mesmo autor:

De "O Século" (de 25-5-1950):

"... "Corações em Brasa" é uma simpática história de amor, em que os destinos de duas jovens e de dois moços se cruzam e confundem, de tal modo que tudo acaba, afinal, numa confusão dolorosa, de que os quatro saem mal-feridos, antes de se recompoem e retomarem o caminho da felicidade...

O autor conduz-nos, com a maior facilidade, através dos corações em brasa dos protagonistas do seu romance, que atinge intensa vibração, em certos episódios.

De surpresa em surpresa, de emoção em emoção, voltamos a última folha, lamentando tão depressa termos chegado ao fim."

Do "Diário de Lisboa" (de 1-6-1950):

"Um romance ardente, mesmo empolgante, em que a paixão domina as almas e os corpos. O sr. A. Candido Ferreira, que já se havia destacado com um lindo livro de versos, deu-nos agora uma novela intensa, com caracteres bem marcados, que é um estudo feito com realismo sobre quatro figuras, duas raparigas e dois rapazes, nos quais ele observa as gradações psicológicas, nas suas variantes amo-

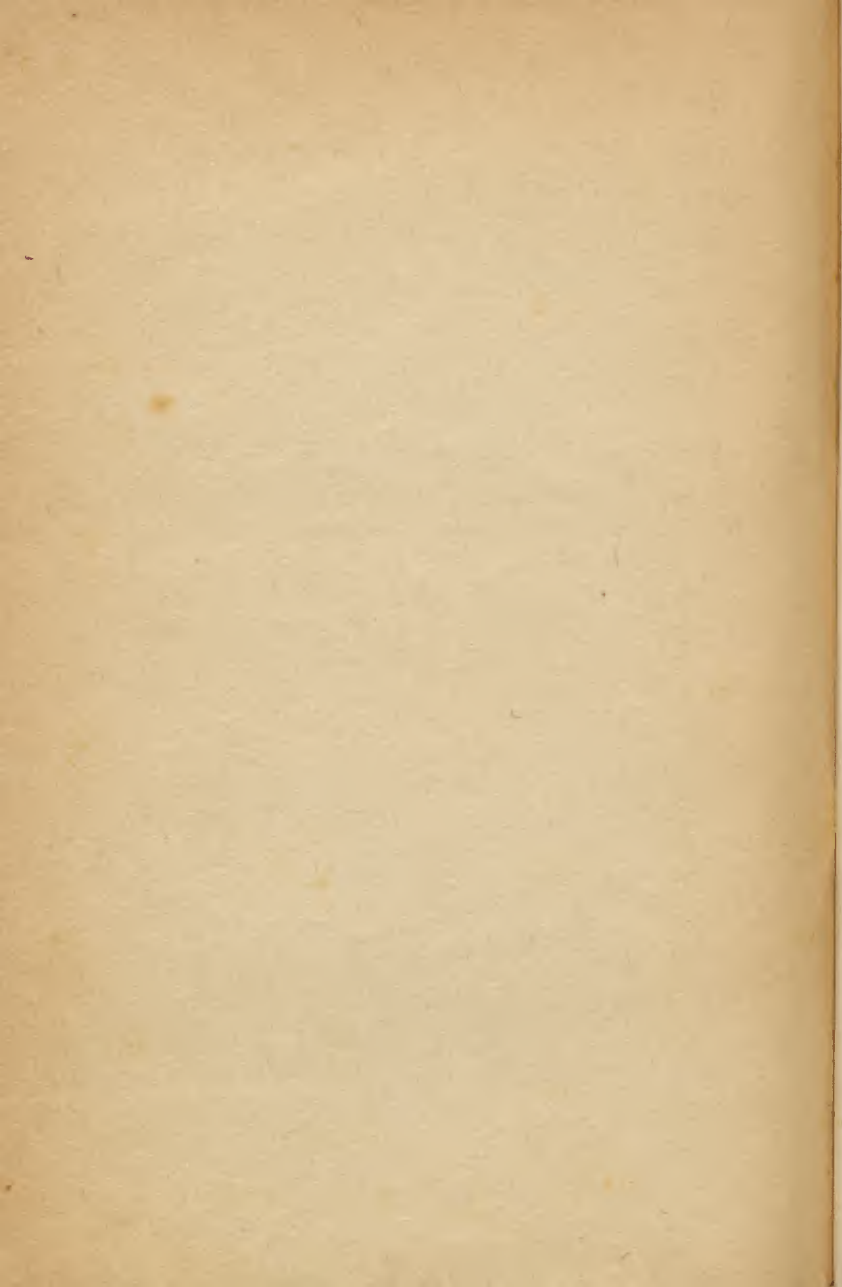
rosas. Dá-se como que uma confusão de sentimentos, cruel, lancinante, mesmo dolorosa, mas o autor, como que os salva da selva escura e atormentada da paixão, guiando-os por um caminho de luz e de esperança.

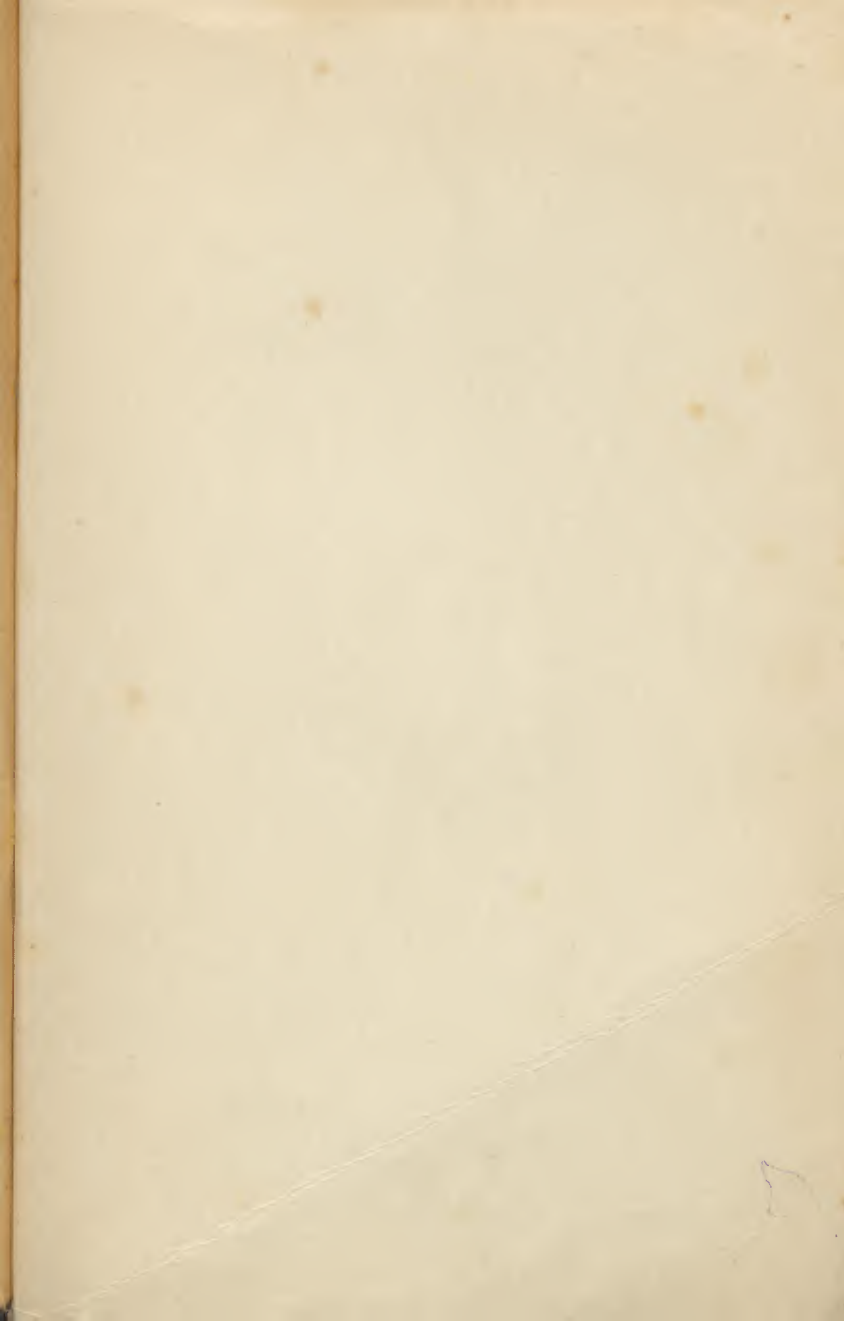
Candido Ferreira, que escreve com facilidade, tem um forte poder emocional, que se transmite ao leitor, e embora respeite a verdade, soube architectar, num relevo que se pode classificar de cinematográfico, os episódios deste romance «Corações em Brasa», que se lê com apazimento.

De "O Século Ilustrado" (de 15-7-1950):

"...Ofereceu-nos um romance que, sem trazer novidades formais ou estéticas à ficção portuguesa, merece ser lido e apreciado. As suas quatro principais personagens, Marcela e Jovial, Jovelina e Filipe movimentam-se e entretecem dois dramas de caracter sentimental, verosímeis e brilhantemente desenrolados. São figuras de hoje, vivendo no nosso tempo, com naturalidade e verdade. Parece-nos, no entanto, que o autor dilata, por vezes, os diálogos e as descrições, o que, sem estar errado em relação à vida, não está certo, todavia, quanto à ficção, que tem de obedecer sempre a sínteses sugestivas. Afora isto, assinalaremos que o autor escreve bem, possuindo o raro dom de descobrir e revelar a complexa alma feminina em todos os seus mistérios' «Corações em Brasa», por conseguinte, é um romance que tem um ambiente de leitura certo."

Este livro foi composto e impresso
nas oficinas da Tipografia da
IMPrensa MÉDICA — R. 4 de In-
fãntaria, 28-B — Lisboa — e acabado
de imprimir a 26 de Junho de 1959





2

biblioteca
municipal
barcelos



27102

Cravos de S. João